

Alice Moderno, a ‘filha de Antígona’ discretamente emancipada

Alice Moderno, the “Antigone’s daughter” discreetly emancipated

Rui Tavares de Faria

Universidade dos Açores / CECH – Universidade de Coimbra

rui.mv.faria@uac.pt

ORCID: 0000-0002-0529-9107

Palavras-chave: Alice Moderno, Antígona, emancipação, mulher, Portugal, Açores.
Keywords: Alice Moderno, Antigone, emancipation, women, Portugal, Azores.

1. Introdução

A figura de Antígona, tal como criada e projetada por Sófocles na peça representada em 442/441 a.C., tornou-se no paradigma da mulher piedosa e compassiva, por um lado, e no exemplo da mulher ousada e transgressora, por outro. Da sua atuação trágica recolhemos momentos em que dominam a sua força de carácter, o seu destemor perante a tirania e a sua autoafirmação enquanto mulher que se opõe ao ascendente masculino.¹

A determinação e o desassombro que caracterizam a Antígona sofocliana assumem-se como os traços éticos ao serviço do fortalecimento da condição feminina, tanto no âmbito social, como no âmbito político. É este o retrato da filha de Édipo que granjeou, ao longo dos séculos, enorme popularidade e que foi sujeito a um elevado número de recriações literárias e artísticas².

¹ Da vasta bibliografia que se tem publicado, em Portugal, sobre a figura de Antígona, veja-se, a título exemplificativo, a coletânea intitulada *Estudos sobre Antígona* (1999), que inclui textos da autoria de renomados classicistas e estudiosos da obra sofocliana em questão (Victor Jabouille, Maria do Céu Fialho, Maria José Figueiredo, Frederico Lourenço, Cristina Abranches Guerreiro, José Gabriel Trindade dos Santos), ou os estudos introdutórios da responsabilidade das tradutoras da tragédia de Sófocles para língua portuguesa, nomeadamente Maria Helena da Rocha Pereira (1.ª edição de 1997) e Marta Várzeas (1ª edição de 2024).

² A propósito da receção de Antígona, vide Bañuls & Crespo (2008), Belardinelli & Greco (2010), Duroux & Urdician (2010), Hardwick *et al.* (2017), Markantonatos (2012), Morais (2001), Ormand

Enquanto uns estudiosos se têm dedicado à investigação acerca das variantes ficcionais da personagem Antígona,³ outros há que têm procurado assinalar em mulheres de carne e osso elementos, ações, condutas e idiossincrasias que as aproximariam, por algum motivo, daquela que ficou como a imagem da justiça, da determinação e da transgressão consciente, a mulher capaz de enfrentar o homem e o seu poder patriarcal de forma convicta e resoluta.⁴ No fundo, é querer transpor o mito para a realidade e ver em figuras femininas com identidade concreta o *modus operandi* da princesa de Tebas. Nesta perspetiva, Antígona torna-se num modelo ético de atuação, o da coragem e do inconformismo perante um mundo dominado pelo masculino, um mundo cujas leis e normas visam silenciar a voz das mulheres.

Terá sido nesta linha de ideias que recentemente se passou a ler e a ouvir a expressão “filhas de Antígona”, primeiro em língua inglesa⁵ e, depois, em português.⁶ E quem são estas descendentes da filha de Édipo e por que razão são assim chamadas? À primeira vista, essas “Antigónides”⁷ são mulheres que, à semelhança da princesa tebana, também se insurgiram contra “éditos”, i.e., imposições políticas e condicionantes sociais, pela afirmação de convicções conscientes e justas. Aí se integram, por exemplo, os movimentos que, nos anos 20 do século passado, promoveram a emancipação da mulher, reclamando lugares e posições socioprofissionais ao lado dos homens que naturalmente impunham o modo de vida ao sexo oposto. Mas estas mulheres formam um coletivo anónimo que, pese embora o facto de ter conseguido atingir alguns dos objetivos colocados pela causa feminina, não deixou um número significativo de nomes a quem se possa atribuir a autoria de um ou outro feito.

Mas as “filhas de Antígona” sobre as quais tem recaído a atenção de investigadores dos mais variados domínios são mulheres com nome próprio e cuja ação, particularmente no mundo das letras, tem despertado o interesse e merecido o estudo por parte de biógrafos, antropólogos e hermenutas de diferentes áreas do conhecimento. No âmbito da literatura, o estudo que aqui nos importa é da autoria de Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso. As investigadoras publicam, em 2011, uma obra crítica acerca de seis escritoras portuguesas do século XX, cujo papel na sociedade se revelou importante para a afirmação da mulher não só no domínio das letras, mas também no meio sociopolítico do Portugal do Estado Novo. O título dessa obra é *Antigone’s Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th Century Portuguese Women’s Writing* e merece um breve comentário, por nele figurar uma pergunta que exige uma reflexão.

(2012), Pociña *et al.* (2015), Steiner (1995).

³ Cf. Belardinelli (2010), Doruoux & Urdician (2010) e Morais, Hardwick & Silva (2017).

⁴ Consulte-se, por exemplo, a bibliografia referida na nota 1.

⁵ Veja-se o título da obra de Owen & Alonso (2011).

⁶ Atente-se no título da recensão que o jornal *Público* faz à obra de Owen & Alonso (2011), disponível em *Rebeldia e resistência: elas são as filhas de Antígona | PÚBLICO (publico.pt)*, e no título de um artigo científico de Owen (2012), publicado nos *Cadernos de Literatura Comparada*.

⁷ Recriação linguística da nossa autoria, que junta ao nome próprio Antígona o sufixo grego *-ides*, que indica precisamente “filho(a) de, descendente de”.

As autoras do volume não afirmam que as seis escritoras sobre quem incide o estudo são “Antigone’s Daughters”, levantam esta hipótese através da interrogação. Na base dessa hermenêutica estará o quê? Os traços caracterizadores da atuação da Antígona sofocliana? Pelo que é possível depreender, Owen e Alonso aproximam seis escritoras portuguesas a Antígona, por elas se terem mostrado insubmissas perante governos políticos autocráticos e por terem desafiado o poder masculino sob as mais variadas formas.

As investigadoras anglo-saxónicas veem na figura da Antígona sofocliana o exemplo da autoafirmação no feminino e procuram analisar como um certo conjunto de mulheres escritoras – Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Hélia Correia e Lídia Jorge – lidou, em Portugal, com o conservadorismo, a ditadura e, acima de tudo, com uma sociedade tendencialmente marcada por uma falta de vontade de evoluir. É neste sentido que nos importa questionar ou sugerir uma filiação idêntica para Alice Moderno (1867-1946), figura discretamente emancipada num tempo em que a voz feminina era silenciada pelo olhar masculino e num espaço restrito, como a ilha açoriana de São Miguel. Não será ela também uma “filha de Antígona”, concebida nos mesmos moldes que Owen e Alonso tomaram para as autoras portuguesas sobre as quais se debruça o volume antes referido?

Para responder a esta questão – a qual suporta o nosso estudo –, centraremos a nossa reflexão em três linhas de análise: a primeira incidirá sobre Alice Moderno, poetisa singular; a segunda sobre Alice Moderno, a jornalista; e a terceira sobre Alice Moderno, a mobilizadora de formas de libertação.

2. Alice Moderno, poetisa singular

Pouca atenção tem merecido o estudo da obra de Alice Moderno. Apesar de não ser avultado o número de publicações literárias da sua autoria (não chega às duas dezenas), aquilo que dela se conhece fica a dever-se à investigação de Maria da Conceição Vilhena, Professora Catedrática da Universidade dos Açores, que publicou o volume *Alice Moderno. A mulher e a obra*, em 1987, precisamente quando se comemoravam três décadas da morte da escritora micalense. Ademais, o acesso difícil (e dificultado) ao espólio de Alice Moderno e a não reedição dos seus livros não têm permitido, a quem por ela possa criar interesse, uma leitura atenta e um estudo hermenêutico das obras que publicou. Deve o investigador, por isso, contar com os escassos apontamentos que sobre ela se escreveram e ter a ousadia de abrir os caminhos para a análise de um legado que permanece praticamente intocado.

A primeira obra impressa de Alice Moderno data de 1886 e a última de 1930, o que significa que o seu nome como escritora – ou autora de obras literárias – foi conhecido dos portugueses – e dos açorianos em particular – durante quase cerca de cinco décadas, precisamente durante um período cronológico em que Portugal experienciou mudanças políticas significativas. Contudo, a obra de Alice Moderno não reflete estas mudanças, o que não impede, especificamente a obra poética, de ser ilustrativa de especificidades individuais e exemplificativa da matriz de pensamento que caracteriza a sua época. A escritora conheceu

Antero de Quental e Teófilo Braga, micalenses de nascimento e importantes vultos da cultura e da política portuguesa da altura, sendo provável que deles tenha recebido influências ideológicas e literárias.

Importa-nos aqui refletir sobre como Alice Moderno inaugurou, enquanto mulher, uma poesia que dá voz ao feminino, através de uma leitura analítica de algumas das suas composições. Em *Trilos*, a segunda antologia poética, publicada em 1888, a autora dedica um extenso poema a Antero de Quental, mas por detrás desta homenagem especulamos se não estarão outros objetivos.

A Antero de Quental

A arte é uma mulher altiva e majestosa,
Cuja voz lembra o som das árias alemãs;
Tem nas faces a cor cetínea duma rosa
Nos lábios apresenta o viço das romãs!

Não envelhece nunca e ostenta-se florente
No seu trono ideal feito de corações!
Ninguém resiste à luz do seu olhar fulgente,
Tem sido o eterno Deus de muitas gerações!

Aos pés do seu altar marmóreo e rendilhado
Depõe a multidão *bouquets* de violetas,
E sabe transformar (mistério abençoado!)
Em líras de cristal as almas dos poetas!

Eternamente bela, eternamente amada,
Soube inspirar Camões e Vítor Hugo e Dante
E finalmente toda essa corte alada
Que a História registou com letras de diamante.

Um dia, essa visão, mulher, miragem, musa,
Vos apontou, senhor, a estrada, o rumo, a mira,
Fascinou-vos o olhar, os gestos da andaluza,
E a vossa alma tornou-se em cristalina lira.

E ouvindo-vos a voz cadente e sonora,
Portugal, amador das aves e dos poetas,
Sentiu-se electrizado e humilde e respeitoso,
Alastrou-vos o chão com ramos de violetas.

E assim o vosso berço, esta ilha perfumada,
A deusa dos jardins, a jóia dos Açores,
Sente-se juvenil, vibrante, entusiasmada,
E acolhe o seu poeta entre ovações e flores.

E visto que possui braços imorredouros,
E visto ter na frente auréola genial,
É justo que, brindando os seus milhões de louros,
A multidão saúde Antero de Quental!

A associação da arte à mulher não é uma metáfora original, mas vinda da pena de uma poetisa oitocentista parece-nos ousada, se tivermos em conta o contexto literário da época. No poema transcrito, é essa figuração afoita o tema

dominante. Composto por oito quadras, é curioso notar que é apenas no 2.º verso da 5.ª estrofe que o sujeito poético se dirige efetivamente ao objeto da sua dedicatória, porque nas quatro primeiras quadras e no 1.º verso da quinta é o elogio da arte enquanto figura de mulher o assunto do canto de Alice Moderno.

O 1.º verso do poema efetiva, desde logo, em jeito axiomático, a metáfora: “A arte é uma mulher ativa e majestosa”. Sobre essa associação poderíamos dizer que a poetisa se limita a seguir o género gramatical feminino do nome “arte”, identificando-a com “uma mulher”, mas os versos que lhe sucedem demonstram que Alice Moderno pretende evidenciar, através dos traços com que vai caracterizando a arte/mulher, o feminino como elemento dominante e sedutor. Os adjetivos que, no 1º verso, qualificam a mulher, “ativa e majestosa”, servem esta leitura. Se nos detivermos, ainda que brevemente, na configuração do elemento feminino na poesia portuguesa do séc. XIX, verificamos que é essa a imagética cantada pelos poetas (homens) contemporâneos de Alice Moderno. Para citarmos apenas um exemplo, Cesário Verde, no poema “Esplêndida”, diz que a mulher tem uma “atizez magnética” e, sedutora, “atrai como a voragem”.

Na composição de Alice Moderno há mesmo uma deificação da figura feminina. Enquanto arte, ela é “o eterno Deus de muitas gerações”, a quem “ninguém resiste à luz do seu olhar fulgente”. A mulher-arte é fonte de inspiração dos poetas de todos os tempos e Alice Moderno cita Camões, Vítor Hugo e Dante, nomes ilustrativos de três pátrias cujas literaturas nacionais e outras criações artísticas sempre mantiveram entre si afinidades estéticas a vários níveis. Seja “visão, mulher, miragem, musa”, é ela quem indica a Antero de Quental “a estrada, o rumo, a mira”.

Em que medida Alice Moderno assume, com originalidade, uma certa ousadia ao configurar o elemento feminino segundo os moldes “canónicos” dos seus contemporâneos, como o faz neste poema? Por um lado, ao retratar a mulher de acordo com os trâmites impostos pela arte do seu tempo, a poetisa coloca-se – consciente ou inconscientemente? – ao lado dos poetas da época, na sua quase exclusividade homens, - desde logo o açoriano a quem dedica a composição poética -, com a particularidade, vantajosa diríamos, de ser, ela também, uma mulher, naturalmente conhecedora, portanto, da psicologia feminina que a todos inspira e seduz. Cremos tratar-se de uma equiparação subtil essa de Alice Moderno se colocar próxima dos contemporâneos, mas que não deixa, por isso mesmo, de se revelar ousada.

Por outro lado, não poderá também Alice Moderno estar a dar conta do efeito que em si própria tem a figura feminina? Apesar de ter tido alguns compromissos e namoros com homens, especula-se que o verdadeiro amor da sua vida tenha sido uma mulher, Maria Evelina de Sousa, com quem coabita durante anos. Paulo Drumond Braga, apoiado em várias biografias e verbetes acerca de Alice Moderno,⁸ refere o seguinte:

⁸ Almeida Pavão, J. (1999). Moderno, Alice. In *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. III, Lisboa/S. Paulo, Verbo, cols. 857-858; Enes, C. (2003). Moderno, Alice. In Nóvoa, A. (dir.). *Dicionário de Educadores Portugueses*. Porto, Asa, pp. 925-926; Esteves, J. (2005).

Entre finais do século XIX e o término da primeira metade do século XX, duas mulheres que se salientaram no panorama literário português terão sido lésbicas, Alice Moderno e Virgínia Vitorino. [...] [A primeira] teve como companheira Maria Evelina de Sousa (1879-1946), micaelense de nascimento, professora do ensino primário e jornalista. As duas mulheres viveram juntas durante anos, partilhando o ativismo político e a luta pelos direitos das mulheres – pertenceram à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas – e dos animais – criando a Sociedade Micaelense Protetora dos Animais. Extremamente discretas quanto às suas opções sexuais, que não transpareciam em público nem na escrita, nunca tiveram, por isso, qualquer tipo de problema, sendo socialmente aceites. Ainda assim, não deixou de causar alguma estranheza na pacata e conservadora cidade de Ponta Delgada que duas mulheres vivessem juntas. (Braga, 2010, p. 98)

Esta nossa interpretação parece ganhar mais sentido, se lermos, à luz de um possível homoerotismo no feminino, o soneto “Duelo”, igualmente publicado em *Trilos*:

Duelo

Na minha alma travava-se um combate!
Dum lado era o Dever, de lança em riste,
Em sua frente o Amor que teima, insiste,
E busca resistir ao seu rebate!

Qual é o vencedor que ao outro abate?
Qual é o prisioneiro humilde e triste?
É o Dever altivo quem resiste,
Não há lança que o fira, arma que o mate!

Venceu, pois, o Dever e, nesse instante,
Arremessei à chama palpitante
Duma fogueira, precipício ingente,

Um macinho de cartas perfumadas,
Que em pouco tempo vi aniquiladas
Pelos beijos fatais do fogo ardente!

O combate que aqui se trava é entre o “Dever” e o “Amor”. Ao primeiro, “altivo”, dizem respeito as normas – sociais e morais por certo – que se impõem “de lança em riste”. O “Amor que teima, insiste, / E busca resistir” ao rebate do Dever acaba vencido e mantém-se “prisioneiro humilde e triste”. Não quererá este duelo reproduzir, de certa forma, o conflito interior do sujeito poético que, parece-nos, está a reprimir, no seu âmago, sentimentos amorosos condenados pela moral, aniquilados pelo Dever?

Não se chega, na verdade, a perceber, de modo claro, ou identificar o “Amor” aqui cantado. Se o soneto tiver natureza autobiográfica – o que cremos ser bem provável –, será este “Amor” algum namorado com que Alice Moderno se cor-

Alice Augusta Pereira de Melo Maulaz Moniz Moderno. In AAVV. *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Horizonte, pp. 43-45; Esteves, J. (2005). Maria Evelina de Sousa. In AAVV. *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*. Lisboa, Horizonte, pp. 665-666.

respondeu ou será Maria Evelina de Sousa? Entre elas, mesmo vivendo juntas, e ao contrário do que afirma Paulo Drumond Braga, “foram trocadas cartas, que ainda existem, e que atestam a profundidade do sentimento que as ligava” (Vilhena 1987, p. 147).⁹ O último terceto de “Duelo” fala de “um macinho de cartas perfumadas”, as quais foram queimadas pelo “eu” lírico, conforme se depreende da metáfora que encerra o soneto. Porque foram destruídas “pelos beijos fatais do fogo ardente”?

Há hipóteses que poderão ser consideradas. As cartas terão sido incendiadas pelo seu conteúdo? Por causa do(a) seu(sua) remetente? Ou do(a) destinatário(a)? Embora tudo pareça misterioso, há dois aspetos sobre os quais os últimos três versos do “Duelo” nos incitam à reflexão. Por um lado, as cartas estavam “perfumadas”, procedimento normalmente tido por feminino, pois era habitual as mulheres perfumarem as cartas (de amor) que enviavam. Parece-nos ganhar crédito o facto de o remetente ser uma mulher e não um homem. Por outro, há os “beijos fatais”, sendo que o adjetivo aí empregue sugere, em termos semânticos, o consumir de um ato atípico – ou proibido. As cartas foram destruídas por constituírem uma transgressão ao que o “Dever” impunha. O certo é que Alice Moderno nunca viveu maritalmente com nenhum homem, ao passo que coabitou com Maria Evelina de Sousa. Por o “Dever” ter vencido o “Amor”, o “eu” lírico viu-se forçado a arremeter à chama da fogueira aquele “macinho de cartas”, porque lhe seria comprometedor.

Por isso, fazem sentido as palavras do poeta Gomes Leal, em carta dirigida a Olga Moraes Sarmento da Silveira, datada de 1902, e publicada no 7.º volume da *Sociedade Futura*, sobre o talento de Alice Moderno:

a sua poesia vibra de sentimento e de sonho, em que há, à mistura com a melancolia da alma portuguesa, alguma coisa do *íntimo feminino*, que nos é agradável a nós – homens embotados pelas aerobatices da forma métrica, e as desarticulações rebuscadas da Rima. (Leal, 1902, p. 1)

As palavras de Gomes Leal enaltecem a figura de Alice Moderno como poetisa que consegue transpor para os seus versos a alma feminina, naturalmente constrangida pelas convenções que a impedem de dizer, na realidade, o que sente. De modo a não chocar os seus contemporâneos com a expressão real da sua visão sobre certas temáticas, como sejam o amor e a paixão, Alice Moderno serve-se da linguagem poética, enquanto ousadia camuflada, para se exprimir como mulher, uma mulher que para si arroga o direito de, também ela, expressar sentimentos tal qual os experienciou ou tal qual crê ser possível experienciá-los:

com um espírito verdadeiramente poético, sobre um fundo de realismo humano, Alice Moderno soube cantar o amor ardente, vestido de gélida indiferença. Adoção simulando desdém, que na vida real seria perfídia, mas que em poesia é belo natural e humano. (Vilhena, 1987, p. 228)

⁹ O acesso a estas epístolas é amplamente dificultado. Sem ser alguns apontamentos recolhidos por Vilhena, 1987, não dispomos de mais documentação relativa a este tópico.

O desconhecimento que os poetas homens detêm sobre o “íntimo feminino”, a que ironicamente aludem amiúde e que tanto exaltam nas suas composições,¹⁰ tal como afirma Gomes Leal, em nome coletivo, vai-se revelando através dos versos de Alice Moderno. É, com efeito, uma mulher que consegue projetar a intimidade feminina por meio da poesia. E assim se singulariza Alice Moderno, porque ousa alinhar-se junto das vozes masculinas do seu tempo e também ela cantar o Amor, transgredindo premissas impostas por um “Dever” que insiste em tentar rebater o sentimento amoroso.

Tal uma “filha de Antígona”, Alice Moderno conhece os limites morais que a justiça humana subscreve aos seus contemporâneos, mas isso não a impede de tentar ir além, mesmo que, para isso, tenha de transpor barreiras ou sujeitar-se ao olhar reprovador de certos indivíduos, como efetivamente aconteceu.¹¹ Contudo, enquanto poetisa, é igualmente considerada talentosa. Na *Revista Pedagógica* de 18 de agosto de 1910, precisamente uma semana depois de ter comemorado o seu 43.º aniversário, sai uma notícia a dar os parabéns à autora e a destacar o seu “incontestável talento e primor de carácter.” Também no estrangeiro, Alice Moderno faz valer a sua voz feminina no universo da poesia; alguns dos seus poemas são traduzidos em alemão, inglês, francês, italiano e em sueco, o que comprova o seu mérito literário. Chega mesmo a ser chamada de “la Muse des Açores” (Lebesque, 1904, 61), título que a reconhece como uma figura de valor no mundo das letras portuguesas, com repercussões significativas no estrangeiro, particularmente na Europa.

3. Alice Moderno, a jornalista

É também na pele de jornalista que Alice Moderno agita as consciências da sociedade micalense sua contemporânea. Como escritora, particularmente poetisa, as suas publicações foram apreciadas e, já vimos antes, a autora tornou-se conhecida no meio intelectual e no mundo das letras de Portugal de finais do séc. XIX, primeira metade do séc. XX. Contudo, é ao jornalismo impresso que Alice Moderno deve, de modo mais abrangente, a divulgação das suas ideias, a promoção dos seus princípios e a sua própria emancipação enquanto mulher.

Sempre ávida de tornar São Miguel e os Açores em locais civilizados, que pudessem estar ao lado das sociedades europeias que se modernizam a vários

¹⁰ Veja-se, a título exemplificativo, a obra de poetas portugueses do século XIX, como Almeida Garrett e Cesário Verde, que tentaram alcançar o íntimo feminino através das figuras que exaltaram nas suas composições poéticas.

¹¹ Manuel Augusto do Amaral, um pretendente preterido elegantemente por Alice Moderno, não se poupa a publicar textos irónicos acerca da conduta da poetisa. Terá sido da sua autoria uma quadra publicada no jornal *Etc. e Tal*, acompanhando uma caricatura de duas senhoras com um cãozinho (Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa?). O objetivo da quadra é criticar maliciosamente as relações de amizade entre Alice Moderno e Maria Evelina de Sousa, conhecida pela Décio, alcinha do seu pai. Diz a quadra: “Eu tinha um pretendente/Que comigo queria casar/Mas larguei-o de repente/Por não te poder deixar.” O sujeito poético desta breve composição seria, na ótica do autor dos versos, Alice Moderno, dirigindo-se à amiga.

níveis, Alice Moderno propõe-se criar um jornalismo rigoroso e de qualidade, apesar de ela própria não ter nenhuma formação específica para exercer o papel de jornalista, sem ser o autodidatismo. O artigo intitulado “Factos e Críticas” que o jornal *A Autonomia dos Açores* publica, no dia 9 de maio de 1893,¹² é o “pisar de olhos” para Alice Moderno tomar consciência de que é necessário fazer algo pelo jornalismo micaelense. No dito artigo, é achincalhada a função do jornalista, o qual, por não possuir a formação devida ou especializada, se limita a publicar recortes, que vão desde a divulgação de uma nova seita à reportagem sobre assuntos de teor social despidiendos.

É perante este cenário que Alice Moderno se debate para instituir na imprensa açoriana o rigor jornalístico que se experimenta em países europeus, como a Alemanha e a França. Mulher no meio de homens, esta “filha de Antígona” não se coíbe de levar as suas ideias para a frente e passa a ser reconhecida como uma talentosa jornalista, tendo inclusivamente fundado e dirigido jornais. É, na verdade, a primeira mulher a desempenhar, em Portugal, o cargo de diretora de um jornal.

Enquanto colaboradora eventual em vários periódicos, tanto locais como nacionais, Alice Moderno publica algumas das suas poesias e, de quando em vez, uma carta a expressar felicitações ou condolências. Mas,

aos 22 anos, Alice Moderno funda o seu primeiro jornal – *O Recreio das Salas*. Trata-se de uma publicação mensal, que se propõe ser noticiosa, científica, histórica, literária, biográfica, bibliográfica e recreativa.

Só publica inéditos; e tem como colaboradores, entre outros, Antero de Quental, Francisco Maria Supico, Alfredo Mesquita, Maria Amália Vaz de Carvalho, Joaquim de Araújo, Xavier da Cunha, Arão Cohen, Eustáquio de Azevedo, Arnaldo Bordalo, Armando da Silva, Branca de Carvalho, Alberto Bramão...

O primeiro número sai em Novembro de 1888. (Vilhena, 1987, 205)

É um projeto arrojado aquele que Alice Moderno materializa, todavia, com duração breve, pois de *O Recreio das Salas* só saem sete números. As razões para tão curta vida não conhecemos. Terão sido problemas de natureza económica? O incumprimento de certos colaboradores? A falta de reconhecimento e apreço por parte dos leitores? Certo desfasamento entre o conteúdo publicado e a massa humana a quem se dirige? Qualquer uma dessas hipóteses nos parece válida. Não dispomos, porém, de certezas, apenas de uma afirmação escrita por Alice Moderno para o *In Memoriam* de Antero, que diz que o seu periódico “teve a duração das rosas de Malherbe”¹³ (*apud* Vilhena, 1987, p. 206).

De qualquer forma, Alice Moderno não se desliga do jornalismo. A sua colaboração com o *Diário de Anúncios* torna-se mais regular e frequente depois de 1890 e, mesmo que o não assuma claramente, chega a exercer as funções de diretora deste quotidiano, conforme atestam as notícias relativas à sua demis-

¹² Disponível em Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores - 5 de março de 1893 - Primeiro número do jornal “Autonomia dos Açores – Livre Administração dos Açores Pelos Açorianos” (*alra.pt*).

¹³ Diz-se que alguma coisa “teve a duração das rosas de Malherbe” quando durou muito pouco.

são, em 1892, por razões de saúde. Volvida uma década, Alice Moderno volta a fundar outro jornal, desta feita um hebdomadário, *A Folha*, no qual desempenha, além da função de redatora, o cargo de diretora a partir de 1907. Este periódico, ao contrário de *O Recreio das Salas*, dura quinze anos, existência bastante significativa. Vilhena assinala que,

a partir de 31-1-1915, *A Folha* começa a ser administrada por Carlos do Rego Pimentel. Alice Moderno está demasiado embrenhada em actividades económicas, não tem mãos a medir e, nos finais desse ano, pensa mesmo em deixar morrer o seu jornal. No entanto foi apenas uma suspensão temporária (Vilhena, 1987, p. 217).

Na verdade, o universo dominado pelo masculino que caracteriza o jornalismo da época não é a única área de trabalho onde Alice Moderno penetra e atua. Em paralelo, faz-se empresária e comercializa produtos da ilha, como o ananás, para o território continental, os Estados Unidos da América e certos países europeus. Esta “filha de Antígona” transgride, com subtileza e discrição, os códigos sociais do seu tempo. É ela, uma mulher, que não tem medo de surgir entre um conjunto de homens e, segundo pudemos apurar pelo espólio fotográfico da autora, nunca Alice Moderno se inibiu de surgir rodeada quase exclusivamente por figuras masculinas. E dizemos “quase exclusivamente”, porque ao seu lado na fotografia ficava, amiúde, Maria Evelina de Sousa, a “amiga íntima [com quem vivia desde 1906], cuja amizade foi bastante criticada no meio micaelense.” (Vilhena, 1987, p. 147).

Defensora acérrima da causa feminina, a imprensa permite-lhe elevar a voz para questões importantes, como a educação das mulheres ou a proteção dos animais. Na sua perspetiva, a comunicação social deve prestar um serviço público de qualidade e com o rigor deontológico que lhe compete. Em *A Folha*, de 1 de maio de 1910, Alice Moderno afirma: “A imprensa é, depois da escola primária, o meio mais enérgico de moralizar o povo, a mais abundante fonte de riqueza pública, e o mais útil de todos os processos industriais.” Efetivamente, datada do mesmo ano, mais precisamente do dia 18 de dezembro, tinha a República Portuguesa pouco mais de dois meses, Alice Moderno publica, em *A Folha*, uma carta aberta a António José de Almeida (1866-1929),¹⁴ onde se lê o seguinte:

[...] Entre as reformas, pois, a realizar, no país, não deve ser considerado como assunto de interesse secundário a educação da mulher.

Para o ensino primário existem escolas, e esse ensino, já suficiente, tornar-se-á bom quando se cumprir, quanto ao mesmo, a lei vigente, instituindo em todos os núcleos de população superiores a 10 000 habitantes, escolas centrais, onde a divisão do trabalho garanta aos alunos um mais rápido adiantamento e uma mais perfeita habilitação.

Falta ainda que, nas principais cidades do reino, sejam criados liceus femininos.

¹⁴ O destinatário de Alice Moderno era o Ministro do Interior do Governo Provisório e a administração das regiões insulares portuguesas dizia respeito ao seu ministério.

Longe de mim a ideia de condenar as escolas ou os liceus mistos. Seria mesmo desligar a teoria da prática, visto que me coube a honra de ser o primeiro indivíduo do sexo feminino que se matriculou no Liceu de Ponta Delgada.

No entanto, conheço pais, muitos pais e muitas mães, que, tendo filhas notavelmente inteligentes, feito o exame de instrução primária do 2.º grau, as deixam ficar em casa, de preferência a matriculá-las no liceu, onde as mães não as podem acompanhar, e pela razão de que uma menina de onze anos não saberá dirigir-se só, entre dezenas de rapazes de todas as idades e dotados, naturalmente, de várias índoles e educações.

Daí logicamente, visto que essas razões são também acatáveis, a necessidade da criação de liceus femininos. [...]

Mais do que dar voz à sua proposta, a missiva tem um carácter de manifesto, porque representa um coletivo, o das jovens mulheres micalenses (e portuguesas, em geral) de inícios do séc. XX. Alice Moderno enfrenta e desafia as forças do governo de forma elegantemente destemida. Ela não questiona a atuação nem as “reformas” que se preveem e das quais tem conhecimento, como se depreende pelas palavras iniciais da carta. Alice Moderno mostra estar documentada não só acerca das medidas adotadas pela recente república, como também acerca do ensino, assunto que motiva a redação da sua proposta.

Depois de um parágrafo introdutório, onde assume o papel de uma analista do estado do ensino naquela época, Alice Moderno apresenta, de forma clara, o que lhe parece ser, ainda, uma falha: “Falta ainda que, nas principais cidades do reino, sejam criados liceus femininos.” A autora da carta mantém, embora nesta breve frase, a posição geral, ao fazer referência às “principais cidades do reino”, denunciando uma situação que se impõe seja alterada. As mulheres podiam estudar, mas em colégios mistos, como afirma logo a seguir, mas, do mesmo modo que aos homens é dada a alternativa de poderem estudar em estabelecimentos de ensino estritamente masculinos, é necessário que às mulheres se dê a mesma opção. O mote, deixou-o Alice Moderno para as suas contemporâneas do território continental, porque o que mais lhe interessa é, na verdade, a cidade de Ponta Delgada.

O facto de ela ter sido a primeira mulher a frequentar o liceu na capital distrital dos Açores – exclusividade que perdurou alguns anos – deve ter-lhe despertado, de algum modo, a consciência para a premente necessidade de as suas conterrâneas mais jovens poderem ter ao seu dispor um espaço colegial apenas frequentado por estudantes do sexo feminino. Em que se apoia Alice Moderno? No conhecimento próprio advindo da relação que tem com várias famílias micalenses, da qual ela não deixa de ser porta-voz junto das instâncias governamentais. Como ela assina em nome próprio a carta dirigida ao Ministro do Interior do Governo Provisório, desconhecemos se terá tido apoio direto de alguma família de Ponta Delgada. Certo é que Alice Moderno não se silenciou perante a situação socioeconómica que defende, i.e., a criação de colégios femininos, e não temeu as reações que a sua atitude poderiam desencadear. Quem é ela para assumir a coletividade e enfrentar a força governamental? Que papel ocupa na sociedade micalense de finais do século XIX e primeira metade do século XX para poder elevar a sua voz e levar avante as suas ideias? Alice Moderno arroga para si a função de mobilizadora de formas de libertação e este é um traço que

a distingue da grande maioria feminina do seu tempo e a aproxima das “filhas de Antígona”, aquelas que, precisamente e sobretudo durante o Estado Novo, enfrentaram, resilientes, a força da opressão, nos mais variados domínios.

4. Alice Moderno, a mobilizadora de formas de libertação

Tanto no âmbito da produção literária como no mundo masculino do jornalismo Alice Moderno faz valer a sua voz. Independentemente de situações pontuais, como as já assinaladas,¹⁵ acabou por ser acolhida pelos congéneres do sexo posto. Ela arrisca, sem receios, a equiparação da mulher ao homem. Se este é poeta, romancista, jornalista, diretor de um periódico, por que razão não pode ela também ser tudo isso e muito mais? Ela e qualquer outra mulher. O modo de pensar de Alice Moderno corresponde à sua atuação, ou seja, os seus desejos concretizam-se, porque ela tudo faz para que assim suceda. O que para outras mulheres da altura seriam “doces quimeras”, para a radicalizada micalense constitui um desafio; e nesse *modus operandi* vemos como ela, também de modo involuntário, promove formas de libertação para a mulher, não apenas para as do seu tempo, mas para as de qualquer época, para mais num país que, até há poucas décadas, confinava a figura feminina ao lar, aos afazeres domésticos e às responsabilidades familiares.

Na conclusão da obra que Maria da Conceição Vilhena lhe dedica, pode ler-se o seguinte:

Alice Moderno foi a mulher da transgressão. Transgrediu os hábitos, arrogando-se direitos que, até então, não tinham sido reconhecidos à mulher. A primeira a frequentar o liceu, a primeira a cortar o cabelo, a primeira no jornalismo profissional, a primeira diretora de um quotidiano, a primeira a dedicar-se à proteção dos animais. Única, original, na sua forma de estar no mundo. Única em pequenos-nadas, como no seu todo, na sua personalidade de poeta e mulher de negócios. Porém igual a todos no ter de aceitar a decadência e a desagregação do ser. (Vilhena, 1987, p. 360)

O uso do termo “transgressão” aqui empregue não deve ser entendido à luz de uma semântica moderna, sugerindo ativismo e/ou mobilização de grandes massas ou, ainda, desrespeito por leis impostas. Aplicado a Alice Moderno, cremos que esse termo se aproxima mais da ousadia, da chamada de atenção. Por isso, dizer, como refere Vilhena, que ela “transgrediu os hábitos” significa dizer que ela ousou mostrar aos seus contemporâneos a mulher enquanto ser individual, profissional e social, reclamando direitos iguais aos do sexo masculino, desde logo fazer valer a sua voz, dar conta da sua presença e não abdicar da sua individualidade.

Na verdade, a atuação de Alice Moderno permitiu que fossem instauradas e mobilizadas formas de libertação para a mulher. Ela é “a primeira a frequentar o liceu” no arquipélago açoriano. Ingressa no Liceu Nacional de Ponta Delgada e este facto não deixa de chamar à atenção as mulheres micalenses para se

¹⁵ Vide n. 11.

consciencializarem da sua condição socioprofissional. À mulher é, afinal, permitido prosseguir estudos, é-lhe proporcionada a integração num meio dominado exclusivamente por homens e são-lhe apresentadas outras opções de vida que não apenas a de dona de casa e mãe de família. Ao estudar no liceu e aí concluir o ciclo de estudos liceais, Alice Moderno torna-se num exemplo para as outras mulheres, um exemplo a seguir pelas igualmente ousadas e corajosas, um exemplo a evitar por aquelas que, felizes no confinamento doméstico, não se conseguem aperceber de que lhes é possível viver de modo emancipado.

É também “a primeira a cortar o cabelo” e apresentar-se com um aspeto masculinizado, “ousadia” impensável para uma mulher da segunda metade do século XIX e inícios do século XX, para mais num meio social pequeno, como era o da pacata ilha de São Miguel. Alice Moderno já havia desafiado o meio intelectual, agora desafia igualmente o visual, a aparência feminina, quando se exhibe de cabelo cortado “à homem”. Como se este choque social não fosse o suficiente, Alice Moderno frequenta as tabernas – antros masculinos – e fuma em público. Os seus atos não transgridem as leis, mas fazem sobressaltar olhares e abalam as mentes e as consciências. Na altura, nenhuma lei impedia que as mulheres cortassem o cabelo curto, frequentassem, sozinhas, cafés e tabernas ou fumassem à vista de todos. A moral de matriz judaico-cristã, a que se associa uma mentalidade beata e de credices infundadas, é que condenava esse *modus operandi*. Indiferente a juízos e condenações deste foro, Alice Moderno mostra, no fundo, que aquilo que faz é lícito e qualquer outra mulher também o poderia fazer.

É, ainda, “a primeira no jornalismo profissional” e “a primeira diretora de um quotidiano”, ocupação que lhe permite divulgar, além da realidade do seu tempo e espaço, a sua obra e forma de pensar. De facto, a imprensa permite a Alice Moderno emancipar-se, tornando-se num nome cada vez mais conhecido nas ilhas, no continente português e no estrangeiro. Os textos jornalísticos da sua autoria a que pudemos ter acesso testemunham, discretamente, a mobilização das suas ideias quanto à emancipação feminina. Ela assume a sua posição e defende as outras mulheres, mesmo que não as envolva de forma direta, nomeando-as ou identificando-as. Consciente das dificuldades que lhe são imputadas, social e profissionalmente, porque é mulher e não homem, Alice Moderno não vacila nem desiste; encontra no jornalismo o veículo com a projeção necessária para dar a conhecer que a mulher também merece estar ao mesmo nível dos homens, em matéria de trabalho, nos meios intelectuais e literários, e até no âmbito da atuação política.

Por fim, é “a primeira a dedicar-se à proteção dos animais” e neste campo deixou um legado material considerável. Além de ter encetado, em conjunto com a elite política de São Miguel, a fundação da Sociedade Micaelense Protetora dos Animais, da qual assumiu a direção durante cerca de três décadas, Alice Moderno cede, em testamento, boa parte dos seus bens para a criação e estabelecimento de um hospital veterinário em Ponta Delgada, benfeitoria que ainda existe e funciona como clínica para o tratamento e acolhimento de animais, numa zona privilegiada da cidade.

5. Conclusão

Personalidade singular, Alice Moderno é uma “filha de Antígona” discretamente emancipada. A sua atuação (individual, profissional e social) deixa entrever uma mulher de carácter justo e firme, capaz de mobilizar ideias e formas de libertação dirigidas sobretudo às mulheres do seu tempo. Quase totalmente indiferente àquilo que poderiam dizer e pensar ou aos juízos de valor que lhe foram, por vezes, endereçados, Alice Moderno viveu muito à frente dos ideais da sua época.

Voz ativa na defesa dos direitos humanos em primeiro lugar – e aí uma atenção especial se presta aos direitos das mulheres – e na promoção da cultura, do ensino e da vida local, Alice Moderno desempenhou um papel preponderante na divulgação do meio açoriano – em particular da ilha maior, São Miguel – no continente português, mostrando que a insularidade é uma condição com algumas contingências. Ousada e diferente, a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX devem-lhe ainda o merecido reconhecimento.

Referências bibliográficas

- AAVV. (1999). *Estudos sobre Antígona*. Lisboa: Inquérito.
- Almeida, A. (1988). Alice Moderno – a mulher e a obra, da Prof.^a Doutora Conceição Vilhena. Do esquecimento à memória. *Atlântida*, 88, 25-31.
- Ascensão de Macedo, L. S. (2013). *Da voz à pluma. Escritoras e património documental de autoria feminina da Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde: guia bibliográfico*. Ribeira Brava: L. S. Ascensão de Macedo.
- Braga, P. D. (2010). *Filhas de Safo. Uma história da homossexualidade feminina em Portugal*. Lisboa: Texto Editores.
- Bañuls Oller, J. V., & Crespo Alcalá, P. (2008). *Antígona(s): mito y personaje. Un recorrido desde los orígenes*. Bari: Levante Editori.
- Belardinelli, A. M., & Greco, G. (Eds.). (2010). *Antigone e le Antigoni: storia, forme, fortuna di un mito*. Milano: Le Monnier.
- Duroux, R., & Urdician, S. (2010). *Les Antigones contemporaines (de 1945 à nos jours)*. Clermont-Ferrand: Presses Universitaires Blaise Pascal.
- Gregório, R. D. (Coord.). (2016). *Alice Moderno: cidadania e intervenção (1867-1946)*. *Catálogo de Exposição*. Ponta Delgada: Secretaria Regional da Educação e Cultura, Direção Regional da Cultura, Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.
- Markantonatos, A. (ed.) (2012). *Brill's Companion to Sophocles*. Leiden: Brill.
- Morais, C. (Ed.) (2001). *Máscaras Portuguesas de Antígona*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Morais, C., Hardwick, L., & Silva, M. F. (Eds.). (2017). *Portraits of Antigone in Portugal*. Leiden: Brill.
- Morenilla Talens, C. (2013). La Antígona de Fenicias o la larga sombra de la Antígona de Sófocles. *Humanitas*, 65, 27-53.
- Morenilla Talens, C., & Llagüerri, N. (2019). La Antígona de Eurípides y el P. Oxy. 3317. *Euphrosyne*, 47, 9-30.
- Ormand, K. (Ed.) (2012). *Companion to Sophocles*. Blackwell Publishing Ltd.
- Owen, H., & Alonso, C. P. (2011). *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy, and the Politics of Authorship in 20th-Century Portuguese Women's Writing*. Lewisburg: Bucknell University Press.
- Pociña, A., López, A., Morais, C., & Silva, M. F. (Orgs.). (2015). *Antígona. A eterna sedução da filha de Édipo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Steiner, G. (1995). *Antígonas. A persistência da lenda de Antígona na literatura, arte e pensamento ocidentais*. Lisboa: Antropos.

Vilhena, M. C. (1987). *Alice Moderno. A mulher e a obra*. Angra do Heroísmo: Direção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura.

Vilhena, M. C. (1990). Uma grande mulher de origem madeirense: Alice Moderno. *Islenha*, 7, 15-21.

Resumo

Em 2011, Hilary Owen e Cláudia Pazos Alonso publicam, sob a chancela da Bucknell University, *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th Century Portuguese Women's Writing*, volume que trata o modo como seis escritoras portuguesas do século passado – Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Hélia Correia e Lídia Jorge – poderão ser consideradas “filhas de Antígona”, por terem mostrado insubmissão, através da atuação socioprofissional e da obra literária, perante valores políticos, sociais e artísticos impostos pelo patriarcado então vigente, que afetou os mais variados domínios. Da mesma forma como Antígona enfrentou Creonte e as leis humanas, também essas mulheres portuguesas terão assumido uma conduta semelhante, desafiando a sociedade e as figuras masculinas do poder. Tendo em conta esta premissa e o estudo publicado pelas académicas anglo-saxónicas, propomos aumentar o número das escritoras que, no Portugal de finais do século XIX e primeira metade do século XX, terão vestido, de alguma forma, a pele de Antígona e aí importa-nos sugerir e atribuir “a mesma filiação” a Alice Moderno (1867-1946), figura discretamente emancipada num tempo em que a voz feminina era silenciada pelo olhar masculino e num espaço restrito e exíguo, como a ilha açoriana de S. Miguel. A sua vida, pautada por uma conduta social revestida de certa ousadia e entregue a causas e valores sociais nobres, interessa como exemplo do papel da mulher portuguesa enquanto mobilizadora de formas de libertação, para mais em território insular.

Abstract

In 2011, Hilary Owen and Cláudia Pazos Alonso published, under the auspices of Bucknell University, *Antigone's Daughters? Gender, Genealogy and the Politics of Authorship in 20th Century Portuguese Women's Writing*, a volume that deals with the way in which six female Portuguese writers of the last century – Florbela Espanca, Irene Lisboa, Agustina Bessa-Luís, Natália Correia, Hélia Correia and Lídia Jorge – can be considered “Antigone's daughters”, for having shown insubordination, through socio-professional action and through literary work, in the face of political, social and artistic values imposed by the patriarchy then in force, which affected the most varied domains. In the same way that Antigone faced Creon and human laws, these Portuguese women will also have assumed a similar conduct, defying society, and male figures of power. Taking into account this premise and the study published by those Anglo-Saxon scholars, we propose to increase the number of female writers who, in Portugal at the end of the nineteenth century and the first half of the twentieth century, would have dressed, in some way, the skin of Antigone and here it is important to suggest and attribute “the same filiation” to Alice Moderno (1867-1946), a discreetly emancipated figure at a time when the female voice was silenced by the male gaze and in a restricted and cramped space, such as the Azorean island of S. Miguel. Her life, marked by a social conduct clothed with a certain boldness and dedicated to noble social causes and values, is of interest as an example of the role of Portuguese women as mobilizers of forms of liberation, especially in the island territory.

